

A FORMAÇÃO DO CRÍTICO LITERÁRIO E O CURSO DE LETRAS

Ana Mariza R. Filipouski
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PRESSUPOSTOS GERAIS

Partimos do pressuposto de que a crítica literária pretende dar um enfoque científico à literatura, ou seja, o crítico literário; ao exercer sua tarefa, busca juízos fundamentados sobre assuntos de interesse geral tendo por base a obra artística. É preciso, no entanto, que explicitemos alguns elementos que constituem esta definição:

a) dizemos que o crítico busca porque reconhecemos o caráter aberto do exercício da crítica, em permanente modificação, por isso com resultados continuamente "revisáveis";

b) referimo-nos a juízos fundamentados porque só poderemos julgá-los pertinentes se resultantes de uma argumentação previamente explicitada, daí a necessidade de um embasamento teórico e da condenação ao subjetivismo impressionista;

c) delimitamos assuntos de interesse geral porque reconhecemos que a ciência deve estar sempre subordinada aos interesses da sociedade. Nesse sentido, o crítico literário deveria sempre refletir sobre o nível de sua contribuição para a melhoria das condições de vida da sociedade em geral, o que, em última análise, significa que a crítica não é um desvelar neutro mas, ao contrário, deve estar empenhada em desvelar de forma explicitamente comprometida com o seu tempo, a sua história, a obra literária.

Coloca-se então a questão-base: o Curso de Letras propicia a formação do crítico literário? A resposta sumária é não, e as causas, algumas das quais procuraremos examinar, extrapolam a própria Universidade, estando ligadas à crise do ensino em geral.

Nesse momento não importa analisar a crise do ensino, mas enumerar alguns aspectos gerais que intervêm no ensino da Literatura:

a) A multiplicação dos meios de comunicação de massa alterou o papel da escola, que por muito tempo foi valorizada — tendo a literatura como uma forte aliada — por seu papel socializador e de integração cultural. Assim, a literatura encontra hoje sério concorrente na TV, nas HQ, no rádio, e, em decorrência, tem-se tornando cada vez mais “disciplina escolar”. Isto se verifica, por exemplo, ao examinarmos dados estatísticos mais recentes a respeito de literatura e outros meios de comunicação de massa: enquanto o número de leitores vai decrescendo à medida em que evolui a escolaridade do leitor, chegando a reduzir-se, como na França, a um quarto após o aluno abandonar a Faculdade, outros meios de comunicação de massa aumentam sucessivamente seus consumidores (Fonte: MAREUIL, André. *Littérature et jeunesse d'aujourd'hui*. Flammarion, 1981.)

b) A rápida evolução das forças produtivas veio a exigir maior atenção à formação de recursos técnicos e científicos, fato que se comprova ao examinarmos as opções para o Vestibular à Universidade, o incentivo que recebem cursos de áreas científicas ou o descaço a que são relegados pelo sistema de ensino cursos humanísticos em geral. É preferível formar técnicos a formar literatos, e mesmo aqueles que se voltam para áreas humanísticas são incentivados a se tornarem “especialistas” em cursos estritamente ajustados para tal fim.

c) Como decorrência da causa anterior, mas apontando para outro enfoque, a questão da escolha (opção) dos cursos oferecidos pelas Universidades também influi para a caracterização dos cursos humanísticos em geral: como a adesão a estes cursos condiciona, via de regra, o futuro profissional a uma baixa remuneração, a eles acabam afluindo predominantemente estudantes com baixa expectativa salarial futura, que não se consideram capacitados para ter maiores ambições, logo “menos bem” preparados, com menores recursos para adquirir livros e ainda, porque, geralmente, trabalham, com menos tempo para leitura, etc.

Nesse contexto amplo, não é nada reconfortante a expectativa da formação de um crítico literário, pois não se delinea sequer a possibilidade de o Curso de Letras trabalhar com leitores.

A estes e outros fatores externos se juntam causas específicas, que dizem respeito à prática tradicional da literatura nos Cursos de Letras.

A primeira delas diz respeito a uma questão crucial — o cultivo do “Discurso sobre” a literatura: sob o pretexto de exercer uma atividade crítica, pratica-se uma paródia de textos já escritos. Desse modo, mantém-se a mistificação do texto (e do teórico que se aventura a desvelar o texto) e o aluno é submetido a este comportamento autoritário reforçando — justamente — sua postura inferior. Veta-se o “prazer do texto”, o compromisso da classe com o processo de leitura e o trabalho universitário com literatura centra-se no produto acadêmico chamado avaliação. Assim, no lugar de deixar o texto falar ao aluno, este lê para nota, escreve para provas, coloca-se aprioristicamente como um pólo inferior em relação ao texto e ao professor e reproduz passivamente uma estrutura autoritária que ele talvez — se lhe fosse dada a oportunidade de opção — não escolheria mas que, estando inserido em tal ambiente, raramente questiona, e é ainda o seu mais rigoroso fiscal (por exemplo, dadas “uma leitura para prova” e outra “para ser trabalhada em seminário”, é difícil o cumprimento de ambas pela maioria dos alunos: o mais comum é cumprir a primeira e esconder-se “democraticamente” na segunda oportunidade).

Outra tendência sintomática do trabalho com literatura é aquela que legitima o “discurso inocente” do aluno sobre o texto, invertendo — e, muitas vezes até, a pretexto de solucionar a questão anterior — o enfoque de leitura. Com base num instrumental analítico metaforizado, busca-se legitimar o gosto do leitor com aspectos valorativos da estirpe de “adequação”, “elegância de estilo”, “beleza”, “naturalidade de expressão” etc. Tais critérios — além de não serem adequados ao que supusemos no início ser o enfoque da crítica, pois jamais chegarão a problematizar a obra, privilegiam uma abordagem elitista que transforma o exercício crítico em um simples apanágio da obra, em respeito à intelectualidade conservadora, seus valores e ideologia. A postura que daí se gera é não crítica, mas adjetiva, ou seja, não científica.

Apontar para estes aspectos superficiais que são via de regra objeto de estudo em Cursos de Letras não significa que não acreditemos na possibilidade de uma abordagem substantiva da literatura. Para isso, entretanto, os Cursos de Letras, ou, mais amplamente, as escolas brasileiras, deverão empenhar-se na superação de limites e dificuldades que mistificam e elitizam o ensino da literatura, sacralizam o saber instituído, deificam o texto e o autor, submetendo o aluno, ou à autoridade passiva do **já dito**, ou à ilusória democracia do **eu acho**. Num e noutro momento, absolutamente submisso no primeiro, ilusoriamente alienado no segundo, a obra literária sequer é aproximada a uma postura objetiva diante da realidade, com base na qual o texto mediria seus limites ou superação em relação ao mérito histórico. E "verificar a atualidade de" talvez devesse ser um dos compromissos permanentes da crítica literária. Para que isso fosse feito, no entanto, dever-se-ia redefinir os fins de conhecimento da literatura e, sobretudo, dominar uma terminologia científica elementar, bem como procedimentos metodológicos que garantissem a consecução de um fim último. Ou, reportando-nos a uma postura bastante elucidante de João Alexandre Barbosa expressa neste Seminário, a respeito da crítica literária: "A linguagem da crítica não é viável sem a crítica da linguagem."